



# TERAPIA OCUPACIONAL

## POSSIBILIDADES DE AÇÃO

---

Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco (Org.)  
Geovanna Gabryele dos Santos Silva (Org.)

Terapia Ocupacional: Possibilidades De Ação

**I EDIÇÃO**

**ORGANIZADORES**

Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco

Geovanna Gabryele dos Santos Silva

TERAPIA OCUPACIONAL: POSSIBILIDADES DE AÇÃO



Copyright © Editora Humanize  
Todos os direitos reservados

### **Organizadores**

Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco  
Geovanna Gabryele dos Santos Silva

### **Diagramação e Publicação**

Editora Humanize

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Editora Humanize, BA, Salvador)**

---

M333t BRANCO, MARIA DE FÁTIMA FERRÃO. SILVA, GEOVANNA GABRYELE DOS SANTOS.  
Terapia Ocupacional: Possibilidades de Ação / Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco,  
Geovanna Gabryele dos Santos Silva. Bahia – Salvador/ BA: Editora Humanize, 2025.

1 livro digital; 50p.; v. 1, n. 1 (2025); il.  
ISBN: 978-65-5255-102-3

1. Terapia. 2. Ocupacional. 3. Possibilidades de Ação.  
I. Título

---

CDD 610



## Apresentação

Este e-book reúne os trabalhos científicos produzidos pelos extensionistas do Projeto **“Desafio: Terapia Ocupacional e Intersetorialidade”**. O projeto se destaca pela sua inovação, em que os participantes estarão envolvidos em comissões de trabalho para os grupos de estudo, bem como para elaboração dos textos e vídeos educativos, com temáticas diversas.

Tendo em vista a dificuldade dos discentes em efetivar cientificamente suas produções acadêmicas diante dos questionamentos surgidos ao decorrer da evolução do Curso de Terapia Ocupacional quanto a prática da profissão mediante a sede do conhecimento teórico prático. Esta proposta tem por objetivo divulgar a profissão e o curso de Terapia Ocupacional nos campos da saúde, educação, social, político e cultural no sentido de preencher as lacunas de produções científicas.

# SUMÁRIO

## **CAPÍTULO 01: PESSOAS COM ESCLEROSE MÚLTIPLA E SEUS DESAFIOS: REVISÃO DE LITERATURA ..... 6**

Introdução .....	7
Metodologia .....	9
Resultados E Discussão .....	9
Considerações Finais .....	10
Referências.....	12

## **CAPÍTULO 02: O IMPACTO DO ENVELHECIMENTO NA CAPACIDADE FÍSICA E MENTAL E OS DESAFIOS DO ETARISMO ..... 13**

Introdução .....	14
Metodologia .....	14
Resultados E Discussão .....	15
Considerações Finais .....	22
Referências.....	24

## **CAPÍTULO 03: PESSOAS ADULTAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:O OLHAR DO TERAPEUTA OCUPACIONAL..... 25**

Introdução .....	26
Metodologia .....	27
Resultados E Discussão .....	28
Considerações Finais .....	31
Referências.....	33

## **CAPÍTULO 04: ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL COM ADOLESCENTES EM CONTEXTO ONCOLÓGICO ..... 35**

Introdução .....	36
Metodologia .....	38
Resultados E Discussão .....	39
Considerações Finais .....	42
Referências.....	43

## **CAPÍTULO 05: UM OLHAR TERAPÊUTICO OCUPACIONAL SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS ATÍPICAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA ..... 44**

Introdução .....	45
Metodologia .....	46
Resultados E Discussão .....	47
Considerações Finais .....	49
Referências.....	50

## PESSOAS COM ESCLEROSE MÚLTIPLA E SEUS DESAFIOS: REVISÃO DE LITERATURA

### **Maria das Graças Gouveia Novelino**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

### **Geovanna Gabryele dos Santos Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

### **Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco**

Professora Efetiva do Departamento de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Pernambuco - (UFPE)

## INTRODUÇÃO

A esclerose múltipla (E.M) é considerada a disfunção ou desordem neurológica mais comum do sistema nervoso central (S.N.C) caracterizada pelo ataque do sistema imunológico a bainha de mielina provocando uma inflamação imunomediada e consequentemente lesões ou oxidação axonal que pode levar ao comprometimento sensitivo, motor, visual, auditivo, sexual, vocal, na linguagem, disfunção urinária, sexual, fecal, esquecimento, também pode apresentar alterações de humor visíveis correlacionadas a ansiedade, depressão, dor, irritabilidade e alteração no padrão de sono (Silva et.al., 2019) e ( Kumakura et.al., 2019) e (Pilot et. al. , 2021).

A EM é subdividida em três tipos remitente–recorrente (E.M.R.R), secundariamente progressiva ( E.M.S.P) e primariamente progressiva (E.M.P.P), ou ainda em quatro tipos: surto-remissão, progressiva-primária, progressiva-secundária e progressiva-recorrente (Silva et. al., 2019) e (Alves et al., 2014).

O surto-remissão pode ser caracterizado pelo aparecimento de surtos que podem durar mais de uma semana, mas após os episódios de surto, estaciona totalmente os sintomas (Alves et al. , 2014). A progressiva-primária apresenta progressão desde o seu surgimento sem ter fases ou remissão aparente, apresenta melhoras temporárias (Alves, et al., 2014).

A Esclerose progressiva-secundária no início apresenta-se como surto-remissiva e depois se torna progressiva. Não há como saber em quais casos a doença se manterá surto-remissiva ou, futuramente, se tornará progressiva-secundária. Progressiva- recorrente apresenta progressão desde seu aparecimento (Alves et al., 2014).

Estudos recentes mostra que, aproximadamente, 2,5 milhões de pessoas no mundo, na faixa etária de 20 a 45 anos, em sua maioria mulheres, com maior prevalência nos países de clima temperado, apresentem algum tipo de subdivisão da esclerose múltipla. No Brasil, a distribuição epidemiológica ainda não é bem definida, nas regiões, porém, estimasse que a região Sudeste, enfatizando municípios de São Paulo apresenta maior prevalência, de 15 casos/100.000 habitantes (Kumakura et. al. , 2019) e (Pilot et. al. , 2021).

O diagnóstico da E.M é fechado e analisado através das alterações clínicas e pelos exames neurológicos, os mais comuns utilizados são: a ressonância magnética do crânio e da coluna na região torácica e lombar, também pode ser solicitada a ressonância órbitas oculares, caso o paciente apresente algum sintoma como visão embasada ou duplicidade, para exclusão de outras doenças e melhor análise pode ser solicitado ao paciente o exame de punção do líquido

espinhal), exame da aquaporina e exames clínicos do sangue e urina para complemento dos exames de imagem e líquido espinhal (Junior et al. , 2020 ) e (Silva et al. ,2014 ).

Em caso de pacientes com diagnóstico tardio ou avançado da doença podem apresenta sequelas, logo, uma equipe multidisciplinar, incluindo terapeuta ocupacional e fisioterapeuta, pode proporcionar adequação do indivíduo com E.M às suas Atividades de Vida Diária (A.V.Ds), possibilitando, assim, uma melhor qualidade de vida (Gomes et al . , 2020).

Quando o paciente é diagnosticado de forma tardia além das disfunções físicas podem surgir disfunções fisiológicas como: disfunções urinarias (DU) e disfunções sexuais (DS). A DU pode ocorrer desde a hipocontratilidade detrusora e retenção urinária até a hiperatividade, incontinência, sintomas irritativos e dissinergia muscular, já as DS podem variar de fases ocorrendo da resposta sexual, do desejo, na excitação ou no orgasmo, disfunções essas que, com ajuda do fisioterapeuta uroginecológico, da terapeuta ocupacional e da equipe multidisciplinar pode melhorar ou até mesmo desaparecer os sintomas (Ardessore et al. , 2022; Sartor et al . , 2018 ).

O tratamento da EM liberados no Brasil pela ANVISA (Agencia Nacional de Vigilância Sanitária) é realizado com fármacos que desaceleram o progresso da doença e ajudam a desinflamar o sistema neurológico, reorganizando novamente o sistema imunológico, logo, com o diagnóstico identificado e o uso de medicamentos corretos foi observando que o percurso mudou a história natural da doença nos últimos anos, mesmo não tendo cura, seu tratamento de forma adequada possibilita uma vida normal ao indivíduo portador da E.M. (Alves et al. , 2014).

O tratamento medicamentoso associado uma boa alimentação podem ser um aliado ao tratamento e no reajuste da qualidade de vida do paciente diagnosticado com a EM, além de proporcionar um auxílio ao combate de doenças oportunistas tais como as cardiovasculares e as autoimunes. Os Hábitos alimentares adequados de um indivíduo portador da EM podem causar efeitos cada vez mais impactantes no seu tratamento com maior eficácia, pois, embora o desenvolvimento da EM, que é uma doença autoimune, não tenha uma causa propriamente definida, sabe-se que os fatores externos podem causar um grande impacto no prognóstico dessas pessoas (Farias et al. , 2021) .

A qualidade nutricional de um indivíduo implica diretamente no equilíbrio e desequilíbrio do seu sistema imunológico. Por esta razão, uma alimentação equilibrada é imprescindível para a melhora de seu quadro de saúde-doença, podendo auxiliar ainda, na regressão de sequelas visíveis e não visíveis da EM (Farias et al., 2021).

Com o avanço das pesquisas e dos tratamentos já utilizados, a qualidade de vida do portador com EM é notória um grande impacto, no caso da mulher portadora da EM não era aconselhada a engravidar, devido o avanço da doença atualmente, com todos os tratamentos já empregados a EM é possível identificar que a gravidez não mostra nenhum efeito negativo na EM, requer, apenas que a mulher faça seu planejamento junto ao neonatologista e a equipe multidisciplinar (Belarmino et al., 2020). O estudo contribui para maior divulgação, esclarecimento e, conseqüentemente, maior reconhecimento da efetividade das práticas de tratamento, indicando a necessidade de pesquisas no âmbito nacional.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica acerca da esclerose múltipla e os desafios dos portadores da patologia, realizada no período de dezembro de 2022 a março de 2023. Após consulta na plataforma de Descritores em Ciência da Saúde (DECs), foram utilizadas as seguintes palavras - chave: ansiedade, alimentação, depressão, esclerose múltipla, gestação, qualidade de vida, tratamento, terapia ocupacional, como também suas correspondentes na língua inglesa (multiple sclerosis, treatment, occupational therapy).

Para a pesquisa dos artigos foi utilizada a base de dados do Scielo. Os critérios de inclusão foram os seguintes: estudos publicados no período de 2014 a 2023 e publicações gratuitas e os critérios de exclusão foram os artigos de revisão de literatura e os que não eram na língua inglesa ou portuguesa, e não estavam disponíveis na íntegra. Os artigos foram selecionados inicialmente através da leitura e análise dos títulos e resumos, e por fim, foi realizada a leitura na íntegra dos seus conteúdos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para a realização desta reflexão acerca do esclarecimento da EM e os desafios do portador, é necessário, inicialmente, retomar brevemente o conceito da patologia. Segundo Silva et al. (2019), a EM é Considerada a desordem desmielinizante mais comum do sistema nervoso central, pelo fato da EM constituir um importante problema de saúde pública, pois é uma doença progressiva e incapacitante, com ocorrência em adultos jovens, entre 20 e 50 anos de idade, de grande impacto laboral, familiar, social e econômico, além de afetar a força de trabalho, e com elevado custo de tratamento. Isso se dá devido, em sua maioria, a patologia afetar um público

adulto-jovem em idade reprodutiva e atuante no mercado de trabalho, pôs as sequelas ocasionadas pela E.M podem diminuir sua força laboral e dificultar nas atividades de vida diária.

Embora a E.M não tenha cura, mas tem tratamento, Alves et al.(2014) relata que não existe tratamento específico para doença, variando com a evolução do estado do paciente, já a academia brasileira de neurologia, com publicação no ano de 2005, enfatiza que com o uso do tratamento correto mudou a história natural da doença nos últimos anos. Goulart et al. (2021) acrescentam que o tratamento visa reduzir o avanço da doença e a atividade inflamatória, impactando na ocorrência de surtos e geração de incapacidades. Com o avanço dos estudos e tecnologias empregadas para o diagnóstico e tratamento correto, o aumento de sequelas que incapacita o portador de E.M vem reduzindo, trazendo melhor qualidade de vida. Belarmino et al. (2020) esclarecem que os impactos da patologia afetavam mulher portadora da EM que queriam engravidar, no entanto, a mesma quando aconselhada e acompanhada por profissionais adequados não precisa se privar de ter filhos.

As sequelas da E.M podem trazer impactos emocionais e psicossociais aos seus portadores, no entanto, o tratamento medicamentoso associado ao acompanhamento de uma equipe multiprofissional, com terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, nutricionista, psicólogo, conforme afirmam Farias et al, (2021) pode auxiliar, inclusive, na regressão de sequelas.

Contudo o maior impacto ainda da E.M é a falta de esclarecimento e o preconceito social, a Folha de Londrina no ano de 2019 informa aos leitores, por meio da entrevista com o médico neurologista Leonardo valente Camargo, que a EM assim como toda doença crônica é controlada através de medicamento, enfatiza ainda que a palavra esclerose carrega o estigma de pessoas com mais idade com quadro de demência, levando a preconceitos, afirma, ainda, que a EM é nada mais do que a presença de uma cicatriz no sistema nervoso central, acrescenta que pouquíssimas são as doenças crônicas que tem cura como diabetes, pressão alta e enxaqueca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão de literatura contribuiu para a construção e ampliação do conhecimento científico produzido nos últimos anos, referente às intervenções em pessoas com EM. Nota-se uma tendência de publicação de estudo que demonstram a efetividade das ações desenvolvidas pelos profissionais, indicando diversidade de intervenções que podem ser utilizadas enquanto propostas terapêuticas para as pessoas com EM levando ao portador uma

melhor qualidade de vida e um melhor esclarecimento para o portador, familiares e sociedade sobre a EM.

A interdisciplinaridade no âmbito da saúde assim como a boa relação profissional-paciente é considerada por diversos autores como sendo crucial para a melhor efetividade de tratamento. Esse método de se relacionar com paciente exige mais do que apenas conversas rápidas e superficiais com eles.

Dessa forma, é necessário que toda a equipe de saúde que o assiste desenvolva um vínculo de conexão mais próximo. Buscar conhecer um pouco mais sobre o paciente, conversar, passar tranquilidade e segurança são fatores que influenciam de forma direta no relacionamento desenvolvido com ele. Além disso, é importante que ele perceba que a equipe está capacitada a lhe prestar amparo sempre que for necessário, o diálogo com o paciente proporciona a ele um melhor esclarecimento sobre a patologia.

Portanto, para que seja possível uma abordagem integralizada, que contemple as múltiplas dimensões presentes nas questões da saúde e contribua para as transformações que se impõem nesse campo, é necessário que a interdisciplinaridade possa fazer sentido na prática cotidiana, ou seja, cada profissional, com seu saber específico, compondo diferentes perspectivas para que se obtenha sucesso nos processos de saúde, o esclarecimento sobre a patologia e o processo como ocorre como também o tratamento proporciona para o portador de E.M, familiares e a sociedade um melhor esclarecimento e empoderamento sobre a patologia e como buscar ajuda como também como também pode ajudar na diminuição do preconceito sobre a patologia.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, B. C. A. et al. Esclerose Múltipla: Revisão Dos Principais Tratamentos Da Doença. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, v. 3, n. 2, p. 19-34, 2014.
- ARDESSORE, T. et al. Avaliação dos sintomas urinários e sexuais em portadores de esclerose múltipla. **Revista Foco**, v. 15, n. 7, p. 01-16, 2022.
- BELARMINO, A. C. et al. Gestante com esclerose múltipla: reflexão fenomenológica da mulher sobre o parto. **Ver Artículo de Investigación**, v. 38, n. 1, p. 77-86, 2020.
- CORSO, N. A. A. et al. Sistematização da Assistência de Enfermagem para acompanhamento ambulatorial de pacientes com esclerose múltipla. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, n. 3, p. 750-755, 2013.
- EBONI, A. C. B. et al. **Esclerose Múltipla: Doutor(a), eu tenho uma pergunta: Qual o Melhor Tratamento Indicado Para Mim?**. 1. ed. São Paulo: Fontanele, 2019.
- FARIAS, A. O. et al. A importância da alimentação saudável para os portadores de doença autoimune. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, p. 2525-3409, 2021.
- GOMES, T. V. et al. Como os tratamentos alternativos e complementares para a esclerose múltipla contribuem para a qualidade de vida dos pacientes portadores da doença. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 14, p. e5240, 2020.
- GOULART, J. S. et al. Alterações no perfil redox de portadores de esclerose múltipla. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e17710514395, 2021.
- JUNIOR, I. A. S. et al. Perfil de pacientes com neuromielite óptica em tratamento com Rituximabe. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 56, p. 2178-2091, 2020.
- KUMACURA, A. R. S. O. et al. Capacidade Funcional e de Autocuidado de Pessoas com Esclerose Múltipla. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 27, p. 3182, 2019.
- PILOT, D. T. W. et al. Associação Entre Avaliação Clínica e Autopercepção da Deglutição com a Escala de Incapacidade Motora Em Pacientes Com Esclerose Múltipla. **Revista CoDAS**, v. 34, n. 2, p. 2317-1782, 2022.
- SILVA, M. C. N. et al. Avaliação da qualidade de vida em portadores de esclerose múltipla: impacto da fadiga, ansiedade e depressão. **Fisioterapia em Pesquisa**, v. 26, n. 4, p. 339-345, 2019.
- SILVA, D. F. et al. **Esclerose Múltipla: Imunopatologia, Diagnóstico e Tratamento. Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente**, v. 2, n. 3, p. 81-90, 2014.
- SILVA, L. G. O. et al. Identificação de fatores de risco para quedas em indivíduos com esclerose múltipla: uma revisão sistemática de estudos prospectivos. **Fisioterapia em Pesquisa**, v. 26, n. 4, p. 439-449, 2019.
- VALLE, L. **Entre o Caos e o Bom Humor: Enfrentando uma Doença Crônica**. 2. ed. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2018.

# O IMPACTO DO ENVELHECIMENTO NA CAPACIDADE FÍSICA E MENTAL E OS DESAFIOS DO ETARISMO

**Simon Macedo Teles Maia**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Maria Júlia Almeida da Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Clara Freitas Dantas**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Geovanna Gabryele dos Santos Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Layla Katharine Santana**

Doutoranda de Ciência do Envelhecimento, University of South Florida (USF-Tampa USA)

**Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco**

Professora Efetiva do Departamento de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Pernambuco - (UFPE)

## INTRODUÇÃO

Este estudo desenvolve as temáticas de envelhecimento, Etarismo e a relação de impacto entre ambos estes fatores na vida cotidiana de cidadãos idosos. Nesse sentido, serão destrinchados os prejuízos na saúde mental do indivíduo idoso originados a partir, não só das defasagens de suas capacitações físicas e mentais, como também advindos da presença do Etarismo sistemático do dia a dia vindos de tabus sociais construídos. Socialmente falando, a construção ideológica do mundo moderno ocidental nasce de uma percepção estreita que visa a hiperprodutividade individual, onde os saberes e limitações daqueles popularmente chamados “pessoas de idade” não são buscados como atributos valiosos para a prosperidade de uma civilização; Assim dando espaço à visão de “inutilidade social” somado ao já estabelecido medo de envelhecer ou “gerontofobia” pela cultura da estética e do trabalho ocidental. Este estigma significa uma grande dificuldade para o público etário de se encaixar e fazer parte efetiva de uma comunidade devido a empecilhos sociais que começam a se consolidar culturalmente no imaginário coletivo desde cedo.

O envelhecimento corresponde a um processo natural, contínuo e gradual de alterações físicas, cognitivas e comportamentais que começa desde o início da idade adulta (Gil; Kramer 2007). Durante o final desta faixa etária, muitas alterações ocorrem no organismo do indivíduo, promovendo mudanças nos aspectos físicos, de saúde, cognitivos e até mesmo sociais (Brito; Freitas, 2013). Vale salientar que aspectos como hábitos de vida, fatores sociais, educacionais e econômicos influenciam diretamente o envelhecimento do indivíduo, tornando esse processo heterogêneo e singular para cada experienciador; podendo também ocorrer ou ser nocivo para um indivíduo antes ou depois do esperado em termos de idade cronológica.

## METODOLOGIA

Esta revisão trata de uma pesquisa teórica de caráter integrativo apresentada através de estudos bibliográficos em artigos e documentários. A oferta de referenciais teóricos e exemplificações estudadas por autores paralelos abordadas de modo a explorar a temática “Desconstrução de estereótipos da terceira idade: O impacto do envelhecimento na percepção da capacidade física e mental e os desafios do etarismo” (grifo nosso). Escrita a partir de uma revisão literária de artigos publicados com enfoque basal em temáticas que englobam o Etarismo / Ageísmo e o Envelhecimento, os artigos tematizados utilizados na pesquisa foram retirados das revistas voltadas à Terapia Ocupacional e áreas de Saúde Social sob tutoria eletiva acadêmica e

realizada integralmente pela equipe de pesquisa discente em graduação superior e facultativa do curso de Terapia Ocupacional.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O etarismo pode ser definido como preconceito e intolerância contra pessoas idosas. Esse tipo de atitude estigmatizante pode ser observada de forma abrangente na sociedade, como por exemplo, as dificuldades para manter-se relevante em sua carreira ou área de atuação profissional devido a idade ou a insegurança de pessoas no processo do envelhecimento no processo de auto-aceitação etária, dentre outros aspectos. Dessa maneira, o etarismo possui uma forte influência no quesito ‘Envelhecer’, visto que muitas vezes torna-se um empecilho para as pessoas idosas, afetando seu bem-estar, autoestima, questões de saúde e até mesmo qualidade de vida econômica. Esse capítulo tem como objetivo explorar os impactos do etarismo no processo de envelhecimento.

Ao examinar o conceito de Etarismo é perceptível o grande fator prático que a temática exerce na vida real; Muito se testemunha e erguem-se relatos a respeito do tema em nossas rotinas ou mesmo, vida familiar, políticas públicas, entre outras, porém existem poucos estudos focalizando a problemática e impactos a longo prazo destes estigmas para com a pessoa idosa. Este objeto de estudo foi escolhido devido à necessidade de informatizar e sumarizar o problema às massas a fim de otimizar a vivência da terceira idade em aspectos como qualidade de vida, relações sociais e dignidade humana, esperançosamente, a longo prazo.

### O Envelhecimento

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), são consideradas pessoas idosas os indivíduos com mais de 65 anos em países desenvolvidos e aqueles com mais de 60 anos em países em desenvolvimento. A velhice é um processo fisiológico natural, portanto, inevitável, contínuo e irreversível, inerente à condição humana. Durante a transição da adultez para a velhice, diversos processos biopsicossociais estão envolvidos.

O termo envelhecimento tem origem no latim, cuja etimologia corresponde à “derivado da composição do latim in- + velho + cer, como no espanhol “envejecer”, que significa “tornar-se velho”. Nesse sentido, envelhecer corresponde a uma fase marcada pelo acúmulo de experiências e aprendizados, mas também por mudanças físicas, que frequentemente acarretam

limitações. Esse conjunto de alterações pode estar relacionado às crises características desse período, conhecidas como “crises da meia-idade”.

De acordo com Neri (Lima et al., 2008, p. 82), "a principal característica do envelhecimento saudável é a capacidade de aceitação das mudanças fisiológicas decorrentes da idade". Nesse sentido, o envelhecimento deve ser compreendido a partir de suas múltiplas dimensões, pois as transformações ocorridas nessa fase impactam, de maneira direta e indireta, as inter-relações do indivíduo com o meio social, além de influenciar sua relação consigo mesmo. Esses fatores podem comprometer tanto a qualidade de vida quanto o bem-estar do idoso.

Sob essa perspectiva, é fundamental destacar que a saúde e a qualidade de vida do idoso são influenciadas por fatores físicos, psicológicos, sociais e culturais. Por isso, torna-se indispensável adotar estratégias para avaliar e promover a saúde desse público por meio de ações interdisciplinares, envolvendo diferentes profissionais. Além disso, é essencial incluir os idosos em atividades sociais e culturais, promovendo sua integração e participação ativa na sociedade, de modo a auxiliar na adaptação às mudanças que caracterizam o processo de envelhecimento.

### **Etarismo Na Vida Diária**

A palavra “Etarismo”(também chamado de “Ageísmo” ou menos comumente “Idadismo”) tem sua origem vinda da tradução direta do termo “Ageism” criado em 1969 pelo gerontólogo Estado-Unidense Robert Neil Butler, e se refere ao preconceito e discriminação para com pessoas idosas. Nos dias de hoje este é definido como uma espécie de ‘termo guarda-chuva’ ao que abrange diversos tipos de estigmas contra este grupo etário favorecendo a ótica socialmente enviesada a respeito de estereótipos negativos quanto à presença e papel ocupacional da pessoa idosa em espaços de saúde, lazer, acadêmicos, ou familiar (Couto et al. , 2009).

A sociedade moderna (ocidental) se baseia em valores do cultivo ideológico individualista e exacerbadamente ‘produtivista’ no mundo moderno do trabalho; Desde jovens as pessoas têm cada vez mais buscado por um senso de autonomia o que gradualmente se amplifica até a chegada idade adulta que, fisiologicamente se dá o início do processo de envelhecimento individual; É a partir daí que temos nosso primeiro contato com os estigmas impostos àqueles que entraram neste processo através das lentes da ‘vítima’, vulgo indivíduos maduros no início do ‘temido’ envelhecimento. Seja por comentários maldosos a respeito das súbitas mudanças que ocorrem naturalmente ao corpo após alcançar (a média de etária) dos 35 anos de idade para cima ou até mesmo pelo imposto sentimentalismo coletivo de vergonha ou insegurança que começam a se

tornar mais perceptíveis para o indivíduo, exemplos disso são casuais exposições de dados pessoais além da idade em si, marcadores temporais sugestivos como status de relacionamento, documentação, referências da cultura Pop, filhos ou problemas agudos de saúde; As turbulências de uma convivência social carregadas pelo tabu da idade acabam por gerar impactos massivos ao adulto, deste modo implicando num efeito cíclico em que quanto mais pressão ele sofre pelo encaminhar de seu “relógio biológico” maiores impactos resultarão em seu adoecimento precoce, tanto mental como biológico. É importante salientar que muitas destas pressões e receios quanto a fatores denunciadores da idade afetam com mais veemência a demografia feminina, devido a estrutura globalizada sócio-cultural e econômica fundamentalmente misógina; onde, ao contrário das mulheres, homens “possuem o direito” de envelhecer sendo mais socialmente naturalizados demonstrar sinais físicos de maturidade como cabelos brancos ou “pés de galinha” (rugas faciais) (Teixeira et al. , 2018).

Nossa sociedade apresenta-se dentro de um processo de segregação contra aqueles que não podem oferecer o mesmo “valor laboral” ou serem economicamente produtivos. Isto se torna evidente a partir do momento que ouvimos ofensas disfarçadas de piadas com tamanha casualidade, como as chacotas populares: “Velho só presta pra ocupar espaço” ou “Mas ‘pra’ ir bater perna no centro ela ‘tá’ boazinha” (este referindo-se à, por exemplo, idosas que por conta da solidão e tédio optam por sair para passear de ônibus no tempo livre, em contraste com estudantes que saem cedo para as escolas e faculdades ou trabalhadores que precisam estar no trabalho às 7:30 da matina). (Lopes; Araújo, 2016).

Neste eixo de problemas temos, inserido no termo guarda-chuva de Etarismo ou ‘Ageísmo’ a crise comum da Gerontofobia (palavra vinda do grego; ‘Geronta’ significando “velho” + “phobos” significando “medo mórbido”); Referente ao medo de envelhecer que hoje em dia é exercitado pela mídia a todo momento com a cultura da estética que, apesar de sempre ter apresentado um histórico exclusivista ao envelhecimento aparente, hoje temos indústrias inteiras fundadas em cima dessas inseguranças imaginárias sobre o processo de envelhecimento que são diariamente repassadas para a população infanto-juvenil através da própria cultura Pop, por exemplo no consumo crescente de conteúdo de influencers digitais; Nessa percepção, mesmo que inconscientemente, dissemina-se a aversão do público jovem para com a pessoa idosa desde de cedo como reforçado por Teixeira et al., (2018).

O conceito de ‘inutilidade social’ do idoso tem tomado grandes proporções nos ambientes acadêmicos desde a última década por englobar perfeitamente a discriminação sofrida por cidadãos sênior ao assumir que eles não mais desempenham papéis sociais a partir de certa idade

(o Brasil, como país emergente, são ativamente considerados idosos os cidadãos acima dos 60 anos de idade). A presença de professores universitários acima dos 30 anos de carreira acadêmica é um dos maiores exemplos aplicáveis; Por muitas vezes não conseguem se enxergar fora do mundo acadêmico ou se quer fora das salas de Aula acabando por prorrogar a aposentadoria ao mesmo tempo enfrentando o embate psicológico da possível adaptação à sensação de ‘vazio ocupacional’ ao “admitir” a idade de se entregar a “inutilidade” do idoso além da diminuição de sua renda fixa ao sair do emprego. (Viana; Helal, 2023).

Controversas como essa tendem a impactar veementemente a vida, não só de profissionais que dedicaram sua trajetória à academia, mas também trabalhadores que, ao todo, temem deixar suas áreas de formação na luta contra a opinião social de que idosos trazem ideias antiquadas para seu campo de atuação profissional e por isso devem ser substituídos, exercitado pela pesquisa de Anelise Rebelato. Em junção a isto, sistemas típicos de apoio etário e mecanismos constitucionais como o próprio direito à aposentadoria, serviços médicos especializados, clínicas e hospitais do idoso, formação de agentes direcionados a saúde física e mental gerontológica, prioridade no atendimento ao público, lares de cuidado à pessoa idosa proporcionados pelo Estado, entre outras acomodações constitucionais integram à concepção estreita do brasileiro médio a ideia de que o idoso “não faz nada e ganha tudo ‘de mão beijada” como diz a frase popular, referindo-se ao modo rudimentar de enxergar o estilo de vida de uma demografia a qual sempre é assumida não possuir uma ocupação formalizada ou de qualquer tipo mas que tem direitos inerentes à medidas preferenciais de atendimento e socorro financeiro simplesmente a mercê da idade (Mozzato; Martins, 2024).

Apesar desta visão é importante explicitar a situação desviante dos sistemas públicos garantidos pela constituição como um direito fixo do idoso, pois embora garantido em tese, raramente estes sistemas são 100% eficazes ou preparados para atender às necessidades do público alvo, demonstrando falhas estruturais recorrentes como ambientes hospitalares precários, desorganização no tempo de atendimento, falta de material ou localidade (cadeiras em salas de espera, banheiros ou bebedouros de água potável funcionais, etc) apesar disso, todos estes aparatos existem para auxiliar a vivência qualitativa não só dos mais velhos mas também prestando orientação e apoio para seus núcleos familiares que, muitas vezes não tem condições de sustentar de forma independente os tratamentos específicos que seu ‘mais velho’ precisa. (Oliveira et al., 2023).

Como medidas fora do campo da saúde e profissão, mecânicas facilitadoras que favorecem a inclusão e trânsito de cidadãos da terceira idade em espaços urbanos também são

um meio de reintegrar este grupo mobilizando seu acesso autônomo a locais comunitários e estimulando a visitação como um programa familiar que toma o idoso como parte ativa da experiência entre família e recreação.

Algumas pequenas órteses sociais como o ‘VEM’ Idoso - “Vale Eletrônico Metropolitano” da região do Recife - PE que garante passagem de transporte público com custo reduzido para a pessoa idosa ou mesmo taxas de desconto em locais de lazer como cinemas, teatros, exposições, entre outros a nível nacional). Em relação à visão dos brasileiros àqueles mais velhos que de fato não estão ativos no mercado de trabalho: Esta parte se deve unicamente ao fato de se valorizar culturalmente apenas a pessoa física que está ativamente servindo como mão de obra no processo de enriquecimento e elevação de status nacional; Indivíduos mais velhos que possuem experiências de vida e profissional poderiam utilmente ser elevados à funções que visam educar ou guiar de modo passivo aqueles que buscam por conselhos e aprendizado, enquanto ainda mantém seu devido nível de respeito social sem que isto lhes tire direitos ou qualidade de vida, levando em consideração suas novas limitações fisiológicas autodeclaradas (Lima; Pasetchny 1998); No fim esta medida não somente semearia a valorização pelo cidadão etário mas também poderia amparar sua auto-estima e felicidade individual ao contrariar os tabus que pesam sobre a dignidade da pessoa idosa no Brasil (Junges, 2004).

Muitas vezes esquecemos que a raça humana é de natureza social, portanto é impossível sermos seres independentes, podemos apenas ser autônomos e fazer nossas próprias escolhas dentro de uma sociedade efetivamente forjada sobre a co-dependência dos processos de produção e afetividade hierárquica; Infelizmente o contrário é prontamente imposto pela cultura moderna ocidental que nos faz acreditar que “envelhecer com graça” é o equivalente a ser alguém sem limitações fisiológicas, intelectuais ou sem grandes indicadores de idade na aparência física (Faller, et al . , 2018; Junges, 2004).

Como visto no documentário “Juventude Eterna: Preconceito e medo da velhice” de Janeiro de 2022 (disponível na Plataforma YouTube), as categorias de “independência” e autonomia são objetos de imenso desejo na vida do idoso contemporâneo. Dr. Maurício de Miranda Ventura, presidente da Associação Brasileira de Gerontologia e Geriatria de São Paulo, vocalizou o seguinte: “O grande medo que eles têm de se tornar velhos é se tornar dependentes; É atrapalhar a vida dos filhos, dos netos[...]”. No mesmo documentário, a pesquisadora e mestra em Gerontologia, Laís Salamene, explica que em contraste com a cultura de hiper produtividade e individualismo do Brasil temos a visão Oriental dos fatos. Na cultura da maioria dos países do Oriente; como Japão, Filipinas, Grande porção da Rússia, China, Índia, Arábia Saudita, entre

outros exemplos; há o choque cultural de descobrir um apreçamento muito mais enraizado pelos habitantes a respeito da pessoa idosa como símbolo de grande status e sabedoria. O etarismo institucionalizado é quase socialmente inexistente nestes países graças à aspectos preservados de suas culturas sendo transparecidos na relação entre netos e avós, na cultura de moradia conjunta da família numa única casa em função de zelo por aquele de mais idade do núcleo familiar, na atribuição de patriarca ou matriarca da família à figura do idoso como um pioneiro à um legado, etc; Todos estes aspectos podem ser enfatizados nas diversas culturas dos vários povos originados na porção oriental do globo. Adicionalmente estes mesmos fatores também são institucionalizados e reforçados na cultura de povos originários nativo-americanos (Continente integral das Américas); muitas vezes estando personificadas por figuras “Xamânicas” (representando espiritualidade e conhecimentos medicinais) e no caso de indígenas brasileiros, a figura dos ‘Pajés’, representando experiência, justiça e liderança (Faller et al, 2018; Teixeira, 2018).

Outro fator que contribui para a segregação etária do público idoso é o conceito errôneo que foi silenciosamente atribuído a esta parcela demográfica ao que se diz respeito à adesão do uso de tecnologias contemporâneas que têm ganhado cada vez mais ascendência entre a população desde o final do século XX. Talvez a dificuldade de se adaptar e estar sempre se atualizando no uso de aparelhos digitais seja um contratempo para a terceira idade, visto que a evolução tecnológica está exponencialmente acelerando em termos de lançamentos e criação de softwares inovadores. No entanto isto não justifica a generalização que a parcela mais jovem de brasileiros tem demonstrado se ater ao afirmar que todas as pessoas idosas são “incorrigíveis” ou inerentemente ignorantes por optarem por uma vida sem ou com pouco uso de mídias sociais e serviços de streaming; Este fator em particular é tema de muitas brincadeiras de mal gosto quando não consentidas (Barbosa et al., 2023).

Durante a pandemia da COVID-19 no ano de 2020, centenas de famílias perdem qualquer tipo de contato com seus parentes acima dos 55 anos de idade devido ao uso dificultado de comunicações remotas e a necessidade de um ‘lockdown’ onde idosos estavam como grupo de maior risco para a contração do vírus; Neste meio tempo relatos ao redor de todo país começaram a se espalhar identificando vários destes indivíduos idosos, onde eles constantemente eram vistos saindo para as ruas e “desobedecendo” seus familiares preocupados, “fugindo” de casa e sendo tratados como verdadeiras crianças ao não cederem à necessidade de se recolher perante o alerta de alto risco de contaminação patógena. Muitas destas fugas foram potencialmente responsáveis pelo aumento da transmissão do vírus em meados de 2021 e é nesta visão que o uso da tecnologia

se fez essencial para manter os laços e relações afetivas durante o período de quarentena. foi nesta época também que muitos idosos acabaram por se familiarizar um pouco mais com o uso de plataformas como o YouTube, facebook e Instagram para evitar o adoecimento perante a situação de extremo isolamento como foi apontado por ‘Isis Bastos Barbosa’ no estudo conduzido em 2023; Desde então a tecnologia têm servido de veiculação para o combate ao estigma do “velho atrasado” embora isso tenha aberto espaço para outros preconceitos contra a pessoa idosa na área da tecnologia: genericamente, a “invasão” dos espaços cibernéticos por pessoas de idade avançada (de acordo com a demografia mais jovem) e a possibilidade efetivamente otimizada para a aplicação de golpes virtuais, em que pessoas acima dos 60 anos de idade são mais suscetíveis a serem vitimizadas, como por exemplo o uso traiçoeiro da I.A. (inteligência Artificial).

### **Impactos Do Etarismo E Reintegração Do Idoso Na Sociedade**

O etarismo também conversa com a dinâmica da sociedade. No estudo de Tavares et al. (2024), a inserção social do idoso: reflexões sobre a inclusão, saúde e bem-estar, é possível compreender que a cultura na qual a sociedade está inserida tem influência na discriminação e preconceito, em consequência disso os idosos se veem num contexto em que suas oportunidades de participação na sociedade são restringidas, além de apresentar uma decaída da qualidade de vida em seu cotidiano. Os idosos muitas vezes têm sua autonomia limitada em decorrência da exclusão, negação da alteridade, limitações fisiológicas da idade e estigmas criados pela sociedade.

Considerando toda a complexidade e informações dadas sobre o etarismo, no contexto social, a discriminação é visível em diversos âmbitos. Várias demonstrações podem ser identificadas na área da saúde, de trabalho, na maneira de tratar e interagir com os idosos, além de ocorrências de maus tratos. Na legislação brasileira, é assegurado mais de uma vez o direito dos idosos e é atribuída a responsabilidade de prover o acesso a eles, por exemplo, a Lei nº 10.741/2003, que garante o acesso dos idosos a todos os direitos humanos. Todavia, a falta de apoio da sociedade e do estado corrobora para a falta de acesso. Os idosos muitas vezes se encontram em uma situação de vulnerabilidade onde o apoio e a ajuda não lhes são concedidos (Couto et al. , 2009).

Em detrimento de tudo dito anteriormente sobre o etarismo e da importância do combate a ele, atualmente o debate sobre o tema vem se tornando mais frequente e fica evidente a

necessidade de um esforço para inserir os idosos na sociedade. Tal como é dito no estudo de Tavares et al., (2024), é necessário políticas públicas, incentivos do governo, organizações, instituições e entre outros sujeitos que podem promover práticas a fim de apoiar e incluir os idosos na sociedade.

Visando a inserção e bem-estar dos idosos, as atividades em grupo, principalmente em metrópoles, têm inúmeros benefícios para o bem-estar do idoso, por exemplo, participação social, melhoria da autoimagem, exercício da cidadania, entre outros (Lima; Pasetchny, 1998). Um ótimo exemplo de incentivo que contribui para melhorar a qualidade de vida no envelhecimento são as atividades físicas, como a ginástica, para idosos, ofertada pelo governo para incentivar ações de educação em saúde e bem-estar (Tavares et al., 2024).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o trabalho apresentado, é possível notar como o envelhecimento, embora envolva transformações fisiológicas e cognitivas, também deve ser compreendido como um processo singular e não uma sentença de declínio. Com a evolução da medicina e melhores condições de vida, é possível que muitas pessoas vivenciem a velhice de maneira ativa e saudável, desde que tenham acesso a cuidados apropriados e a políticas públicas que promovam a inclusão e o bem-estar. Nesse contexto, a manutenção da saúde, tanto física quanto mental, torna-se essencial. Programas de prevenção, atividades físicas adaptadas e o estímulo a uma alimentação balanceada contribuem diretamente para o envelhecimento saudável, permitindo aos idosos uma vida com qualidade e autonomia. A promoção da saúde é, portanto, um pilar fundamental para mitigar os impactos negativos do envelhecimento e reduzir as desigualdades impostas pelo ‘ageísmo’.

Além disso, é válido discutir sobre o ageísmo, definido como a discriminação baseada na idade, representa um dos maiores obstáculos enfrentados pelos idosos na sociedade contemporânea. Esse preconceito muitas vezes se manifesta de forma velada, sendo refletido em atitudes e políticas públicas que negligenciam as necessidades dessa faixa etária. O processo de envelhecimento, que é natural e inevitável, é frequentemente estigmatizado, sendo associado a fraqueza, inutilidade e dependência. A sociedade, com suas demandas por produtividade e inovação, muitas vezes exclui os idosos, sem levar em conta o valor e a experiência acumulada ao longo dos anos. Essa exclusão, por sua vez, pode gerar sentimentos de inadequação e isolamento social, impactando negativamente a saúde mental e emocional dos mais velhos.

Logo, pode-se concluir que a inclusão social do idoso não é apenas uma questão de direitos, mas de reconhecimento da sua dignidade e potencial contribuição à sociedade. Ao criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo, que respeite as limitações e celebre as experiências dos mais velhos, promove-se a construção de uma sociedade mais justa e solidária. O combate ao ageísmo é, assim, um passo essencial para garantir que os idosos possam continuar a participar ativamente da vida social, econômica e cultural. A convivência intergeracional, a valorização da experiência e o respeito às necessidades de saúde e bem-estar são aspectos que devem ser priorizados, não apenas para garantir um envelhecimento mais digno, mas também para fortalecer os laços entre as diferentes gerações, promovendo uma sociedade mais equilibrada e equitativa.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA et al. “Vá para casa, seu idoso!” Ageísmo na pandemia da covid-19: netnografia na plataforma YoutubeTM. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 26, 1 jan. 2023.
- BRITO et al. Envelhecimento Populacional e os Desafios para a Saúde Pública: Análise da Produção Científica. **Revista Kairós-Gerontologia**, 16(2), 161–178, 30 Jun. 2013.
- COUTO, M. C. P. DE P. et al. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageísmo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, p. 509–518, 1 dez. 2009.
- FALLER, J. W.; TESTON, E. F.; MARCON, S. S. Estrutura conceptual do envelhecimento em diferentes etnias. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 39, n. 0, 23 jul. 2018.
- GIL, A. P. Envelhecimento activo : complementariedades e contradições. **Forum Sociológico**, n. 17, p. 25–36, 1 jan. 2007.
- JUNGES, J. R. Uma Leitura Crítica da situação do Idoso no Atual Contexto Sociocultural. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 6, 23 jun. 2004.
- LIMA, Â. M. M. DE; SILVA, H. S. DA; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface**, v. 12, n. 27, p. 795–807, 2008.
- LIMA, L. J. C., PASETCHNY, N. Atividades Em Grupo: uma alternativa para inclusão social na terceira idade. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 9, n. 1, p. 37-42, Jan./abr., 1998.
- LOPES et al. O envelhecimento e a qualidade de vida: a influência das experiências individuais. **Revista Kairós Gerontologia**, 19(2), pp. 181-199. Isso é 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil, 2016.
- MOZZATO; VIANA. Ageísmo no continuum da vida laboral de professores universitários. **SciELO (SciELO Preprints)**, 21 nov. 2024.
- OLIVEIRA, P. et al. Ageísmo direcionado às pessoas idosas em serviços de saúde: uma revisão de escopo. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 31, 1 dez. 2023.
- TAVARES, M. S. et al. A inserção social do idoso: reflexões sobre a inclusão, saúde e bem-estar. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 2, p. e3496–e3496, 29 fev. 2024.
- TEIXEIRA et al. Ageísmo institucionalizado: uma revisão teórica. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 21, n. 3, p. 129–149, 30 set. 2018.
- VIANA, L. O.; HELAL, D. H. Ageísmo na Carreira Acadêmica: um estudo com professores universitários. **Educação & Realidade**, v. 48, p. e121896, 3 abr. 2023.

# PESSOAS ADULTAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O OLHAR DO TERAPEUTA OCUPACIONAL

**Ádria Carla do Nascimento Mendonça**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Ana Luisa Ferreira Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Kassandra de Oliveira Ramos Ramos**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Laís Maciel Costa Zanardi**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Geovanna Gabryele dos Santos Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco**

Professora Efetiva do Departamento de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Pernambuco - (UFPE)

## INTRODUÇÃO

Este capítulo discutiu a respeito das pessoas adultas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sob a ótica multidisciplinar. Para isso, foram destacadas as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos, contemplando os aspectos comportamentais, comunicativos e sociais, bem como, as intervenções e abordagens realizadas por equipes multiprofissionais para promover o bem-estar, a partir de uma revisão da literatura.

Além disso, foi retratada a carência de publicações científicas na Terapia Ocupacional a respeito das intervenções terapêuticas no tratamento de adultos com TEA.

O que caracteriza a vida adulta? Essa questão é norteadada por diversos parâmetros para definir o que é ser adulto. Tendo em vista o conhecimento sociológico, os principais marcadores para definir um adulto são: ter responsabilidade por si próprio, escolher a carreira que se pretende seguir, casar-se ou relacionar-se afetivamente de maneira significativa ou formar uma família. Entretanto, ao olhar o mundo contemporâneo chega-se à conclusão de que as etapas para se tornar um adulto variam, o fato é que não há uma fórmula para iniciar a transição para ser adulto (Schulenberg et al., 2005).

Ao analisar os jovens atuais, que vivem em sociedades industrializadas, cientistas do desenvolvimento humano indicam que o início da vida adulta é durante o fim da adolescência e a fase intermediária e final da segunda década de vida. (Papalia et al., 2013). Segundo Maenner (2023), a “Autism and Developmental Disabilities Monitoring” (ADDM) estimou que uma em cada 36 crianças de 8 anos tem TEA, precisa-se considerar que essas crianças estão crescendo e tornando-se jovens e adultos.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), também conhecido como Autismo, é uma condição marcada pelo neurodesenvolvimento atípico caracterizado por déficits na interação social e na comunicação, bem como a repetição de comportamentos e a restrição de interesses - segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais de 2014 (DSM-V). O termo ‘Espectro’ justifica-se devido à forma heterogênea em que os sintomas se apresentam em cada pessoa - como a severidade, a quantidade e os tipos de sintomas (APA, 2014; APA, 2022). Quanto à origem, ainda não existe uma causa clara, mas estudos recentes apontam que fatores ambientais e genéticos podem influenciar significativamente. (Assumpção Jr; Pimentel, 2000; Assumpção Júnior; Kuczynski, 2007).

Ademais, identificaram como possíveis fatores de risco a exposição a substâncias específicas durante a gravidez e complicações durante o parto (Gardener et al., 2009). Consoante a isso, pode-se identificar que os adultos autistas têm barreiras para enfrentar o cotidiano que demandam estratégias para serem superadas. O conceito de cotidiano, advindo da obra de Ágnes Heller (2000), evidencia que o cotidiano está no centro do acontecer histórico e que a vida cotidiana é heterogênea e varia conforme contexto, classe, gênero e idade. A autora indica algumas das esferas que compõem a vida cotidiana: o trabalho, a família, o lazer, as relações sociais. O cotidiano é a vida de todos os dias, de todos os homens, o homem nasce inserido em sua cotidianidade; é o mundo no qual a repetição das atividades permite a recriação permanente da vida social. Na vida cotidiana, as atividades por meio das quais formamos o mundo e as atividades por meio das quais somos formados coincidem. Para a maioria dos homens, a vida é a vida cotidiana (Heller, 2000).

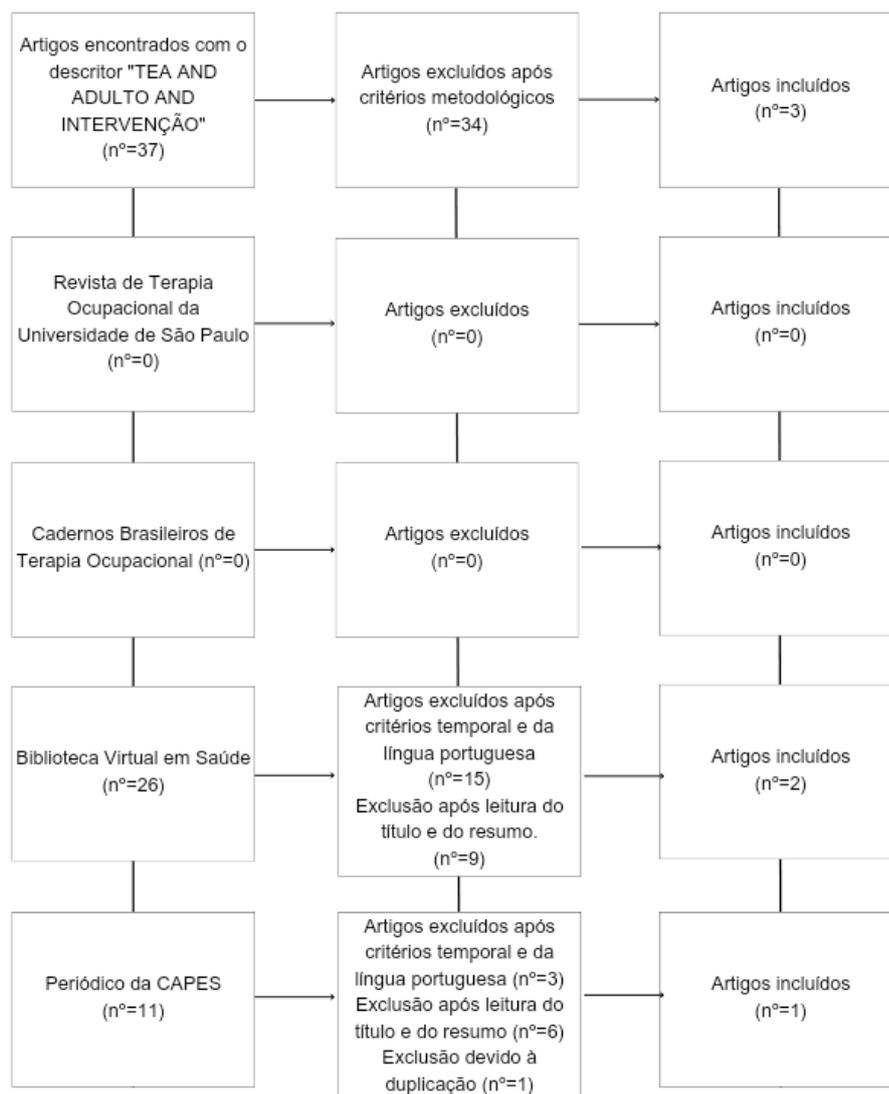
A fim de facilitar o cotidiano da pessoa adulta no espectro autista o terapeuta ocupacional pode trazer intervenções com o intuito de potencializar o seu desempenho ocupacional. O desempenho ocupacional é a capacidade de realizar rotinas e desempenhar papéis e tarefas, visando ao autocuidado, à produtividade e ao lazer (Chapparo; Ranka, 1997; Zanni et al., 2009). Funciona como resultado da interação entre a pessoa, o ambiente e a ocupação, no qual os indivíduos são constituídos por aspectos físicos, psico afetivos e cognitivos, mas também são afetados pelos cenários físico, social, cultural e institucional (Law et al., 2009). Devido à carência de artigos sobre a Terapia Ocupacional e as intervenções utilizadas em adultos com TEA, o objetivo desta revisão é apresentar as principais dificuldades enfrentadas por adultos autistas em sua rotina, as intervenções aplicadas por outros profissionais da área da saúde e as melhorias resultantes dessas intervenções.

## **METODOLOGIA**

Essa revisão literária sistemática refere-se a um Projeto de Extensão em uma Universidade Pública do Estado de Pernambuco. Realizou-se no período de setembro a dezembro de 2024. Esse tipo de revisão tem caráter de investigação científica, considerado um estudo observacional retrospectivo ou estudo experimental de recuperação e análise crítica da literatura, que tem como objetivo responder a uma pergunta de pesquisa claramente formulada. Os artigos utilizados foram encontrados através das bases de dados: Periódicos da CAPES e Portal Regional da BVS, que são coleções de informações relacionadas entre si, organizadas de forma estruturada e armazenadas eletronicamente. Os descritores usados foram: “TEA” AND “Adulto” AND

p. 27

“Intervenção”, tendo como critério de inclusão artigos dos últimos 10 anos, escritos em português, com acesso aberto e escritos por inteiro. Os artigos repetidos foram excluídos. No total, foram achados dezesseis artigos, sendo 7 no Portal de Periódicos da CAPES e 11 no Portal Regional da BVS. Depois da fase de leitura de título e resumo, 3 artigos foram selecionados para a leitura na íntegra. Na última etapa, os três artigos foram escolhidos para servir de base teórica dessa revisão.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, o objetivo deste capítulo de livro seria identificar, com base na literatura, as principais dificuldades enfrentadas por adultos com TEA, bem como as intervenções utilizadas

pelos terapeutas ocupacionais. Contudo, evidenciou-se uma escassez na literatura quanto a esse tema na área da Terapia Ocupacional. Dessa forma, o objetivo deste capítulo foi realinhado.

Compreender as dificuldades enfrentadas pelos adultos com autismo é fundamental para traçar um plano terapêutico eficaz, além de promover meios de inclusão e autonomia para esses indivíduos. Com base nos artigos lidos, as adversidades encontradas foram principalmente comportamentais, comunicativas e sociais. Esses três aspectos não se apresentam de maneira isolada, geralmente um se manifesta mais nitidamente em detrimento dos outros, porém pode-se observar como os sintomas estão interligados. Sobre o aspecto comportamental, destacam-se a agressividade, os comportamentos estereotipados e a dificuldade em marcar o tempo de espera.

<b>Título</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>Base de dados</b>	<b>Objetivo geral</b>
A Comunicação De Um Adulto Diagnosticado No Transtorno Do Espectro Do Autismo: Relato De Caso.	Pesquisa qualitativa	BVS/LILACS	Identificar e descrever os avanços de um adulto com TEA em sua performance comunicativa depois de 2 meses de atenção terapêutica com fonoaudióloga.
Mapeamento Dos Serviços Que Prestam Atendimento A Pessoas Com Transtorno Do Espectro Autista No Brasil	Pesquisa	Periódico da CAPES	Mapear as instituições brasileiras que prestam atendimento a indivíduos com TEA.
Trajectoria Acadêmica De Um Pós-Graduando Com Transtorno Do Espectro Autista	Estudo diagnóstico	BVS/LILACS	Retratar a perspectiva de um pós-graduando diagnosticado com TEA quanto a trajetória acadêmica e a percepção do suporte social.

Quanto à questão comunicativa, foram retratadas falas disfuncionais, ecolalia - a repetição em eco da fala, sintoma considerado um distúrbio da linguagem (Mergl et al., 2015) - e dificuldade na sustentação do olhar. Embora o diagnóstico tardio se apresente como um impedimento para um melhor prognóstico, mesmo que o conhecimento acerca do espectro autista já tenha avançado significativamente, ainda é comum a identificação tardia. Esse fenômeno afeta, principalmente, no tratamento de adultos, visto que quando a intervenção é realizada precocemente há maior eficácia no tratamento.

A questão social pode ser analisada a partir da barreira que é conhecer os seus direitos como uma pessoa que faz parte do espectro autista e como isso acarreta em um desempenho

ocupacional fragilizado. Os sistemas e modelos que são utilizados no mundo, seja no âmbito educacional ou no profissional, foram criados para pessoas neurotípicas, assim há uma ausência de modelos alternativos que possam acolher necessidades especiais.

Apesar da existência da Lei Brasileira de Inclusão (lei nº. 13.146, 2015), esse documento muitas vezes não é efetivado por parte das instituições e organizações que precisam dar espaço a todas as pessoas, incluindo as pessoas com TEA e, também, é pouco conhecido por parte das pessoas autistas de classes mais baixas, especificamente. Essa falta de informação gera uma necessidade de encaixar-se aos padrões de condutas socialmente aceitas, sendo assim um fator limitante para um desempenho ocupacional que explora as funcionalidades e potencialidades dos indivíduos. É notável que a formação de grupos e núcleos que visam e promovem inclusão são essenciais nesse processo de compartilhar informações relevantes e tornar os direitos conhecidos, no entanto no que se refere aos adultos autistas, esses grupos são menores, portanto, menos fortalecidos quanto ao enfrentamento dessas barreiras.

No âmbito do cuidado à saúde de pessoas com TEA, as principais instituições brasileiras voltadas para esse público são as Associações de Pais Amigos dos Excepcionais (APAEs), os Centro de Apoio Psicossocial Infantojuvenil (CAPSIs), ONGs e as Associações de Amigos do Autista (AMAs). Nesse sentido, ocorre a predominância do atendimento à infância e à adolescência, enquanto existem poucos serviços voltados a jovens e adultos com TEA, os quais são distribuídos de modo irregular no país, dificultando o acesso da população adulta a esses serviços. Ademais, a carência de critérios mínimos para que as entidades estejam aptas para assistir pessoas com TEA, ocasiona heterogeneidade no tratamento, dificultando seu mapeamento, bem como dos seus efeitos (Portolese et al., 2017).

Segundo o mapeamento das instituições que prestam atendimento a pessoas com transtorno do espectro autista no Brasil, as intervenções mais utilizadas nesses serviços são Son-Rise, oficinas, tratamento médico, ABA, psicoeducação, TEACCH e atendimento multiprofissional, não sendo especificada a metodologia das oficinas e do atendimento profissional (Portolese et al., 2017).

A respeito dessas, o método de Análise do Comportamento Aplicada (ABA) abrange o ensino das habilidades essenciais para que a pessoa com autismo adquira independência e uma boa qualidade de vida, de forma intensiva e individualizada. A utilização do ABA demonstrou resultados positivos como melhora nas habilidades sociais e cognitivas (Oliveira et al., 2021; Portolese et al., 2017).

Outra possível intervenção é o uso de oficinas, ou seja, atendimento terapêutico fonoaudiológico realizado por cerca de uma hora, utilizando o dispositivo terapêutico Oficina de Cozinha (OC), o qual é realizado em grupo e com diversos profissionais da saúde e apresenta resultados como positivos a melhoria no enfrentamento de situações de espera e o deslocamento entre ecolalia mediata e fala com autoridade, evolução perceptível em doze sessões consecutivas (Campos et al., 2020).

No geral, o atendimento multiprofissional conta com médicos, psicólogos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e assistentes sociais para ser efetivado. Além das abordagens citadas, estudos recentes demonstraram que atividades físicas, como 20 minutos de ciclismo ou corrida, juntamente com 20 minutos diários de jogos ao ar livre durante duas semanas, promovem melhorias significativas em adultos com TEA. Essas práticas resultaram na redução do comportamento agressivo após a realização de exercícios vigorosos (Alves, 2019; Portolese et al., 2017).

É possível observar que as intervenções promovem melhorias expressivas no cotidiano da pessoa autista, já que elas se mostram como facilitadoras para realizar atividades diárias, manter a saúde mental e superar obstáculos, como a dificuldade com a comunicação e interação social. Sob essa perspectiva, é crucial a assistência integral ao paciente, somando o cuidado da saúde, da educação, do âmbito profissional, da assistência social e da justiça (Portolese et al., 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta revisão sistemática, foi possível identificar a escassez de produções científicas no campo da Terapia Ocupacional referentes aos adultos com autismo, limitando os avanços na área e tornando perceptível a necessidade de incentivo à pesquisa. Ademais, a escassez não é vista apenas nas produções, mas também na prestação de serviços voltados a este público - revelando uma desigualdade e comprometendo a inclusão e bem-estar dos adultos com TEA.

Mesmo o conhecimento sobre o autismo tendo crescido nas últimas décadas, o diagnóstico tardio é uma realidade frequente para pessoas adultas com autismo, dificultando um prognóstico correto e intervenções mais exitosas. Quanto às dificuldades enfrentadas por este grupo, elas permeiam os âmbitos comportamentais, comunicativos e sociais - sendo este último

já supramencionado nas considerações. As intervenções e abordagens utilizadas são das mais diversas, sendo elas escolhidas a partir da necessidade individual de cada paciente, que podem ser feitas com apenas um profissional ou com uma equipe multidisciplinar - na qual cada profissional da saúde foca em sua especialidade. Tais abordagens, ao trabalhar as questões comunicativas e comportamentais do indivíduo com autismo, auxiliam na melhoria da qualidade de vida e na promoção da independência.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, D. R. T. **Aplicação Do Modelo Son-Rise Na Educação Pré-Escolar: Implementação De Um Programa Na Área Da Linguagem/Comunicação – Estudo De Caso**. Portugal: Universidade Fernando Pessoa, 2019.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed.** Porto Alegre: Artmed, 2014.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev.** Porto Alegre: Artmed, 2022.
- ASSUMPCÃO JR, F. B.; PIMENTEL, A. C. M.. Autismo infantil. **Brazilian Journal of Psychiatry** 22, 37-39, 2000.
- ASSUMPCÃO JR; F. B.; KUCZYNSKI, E. **Anormalidades genéticas e autismo infantil**. Assumpção Jr., FB & Kuczynski, E., *Autismo Infantil–Novas tendências e perspectivas*, 17-41, 2007.
- BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 6 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 17 dez. 2024.
- CAMPOS et al. Expectativa de profissionais da saúde e de psicopedagogos sobre aprendizagem e inclusão escolar de indivíduos com transtorno do espectro autista. **Revista Psicopedagogia**, 35(106), 3-13, 2018
- CAMPOS; RAMALHO. A comunicação de um adulto diagnosticado no Transtorno do Espectro do Autismo: relato de caso. **Distúrbios da comunicação**. v. 32, n. 3, 2020.
- CARMO et al. A comunicação de um adulto diagnosticado no Transtorno do Espectro do Autismo: relato de caso. **Distúrb. comun** ; 32(3): 445-453, set. 2020.
- CARMO, R. C. C. DO; RAYMONDI, P. D. S. S. V.; PALLADINO, R. R. R. A comunicação de um adulto diagnosticado no Transtorno do Espectro do Autismo: relato de caso. **Distúrbios da Comunicação**, v. 32, n. 3, pp. 445–453, 2020.
- CHAPPARO, C.; RANKA, J. Journal of occupational performance model. (Monografia) - OP Network, **The University of Sidney. Sidney**, 1997.
- GARDENER, H.; SPIEGELMAN, D.; BUKA, S. L. Prenatal risk factors for autism: comprehensive meta-analysis. **The British Journal of Psychiatry**, 2009. p. 7-14.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 6ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- LAW, M.; BAPTISTE, S.; CARSWELL, A.; MCCOLL, M. A.; POLATAJKO, H. L.; POLLOCK, N. **Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM)**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- LOURENÇO, Carla Cristina Vieira; ESTEVES, Maria Dulce Leal; CORREDEIRA, Rui Manuel Nunes; SEABRA, André Filipe Teixeira e. Avaliação dos efeitos de programas de intervenção de atividade física em indivíduos com transtorno do espectro do autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, n. 2, pp. 319-328. jun. 2015.
- MAENNER et al. Prevalência e características do transtorno do espectro autista entre crianças de 8 anos — **Autism and Developmental Disabilities Monitoring** Network, 11 locais, Estados Unidos, 2020. MMWR Surveill Summ 2023.
- MERGL, M.; AZONI, C. A. S.. Tipo de ecolalia em crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista CEFAC**, v. 17, n. 6, p. 2072–2080, nov. 2015.
- OLIVATI, A. G.; LEITE, L. P. Trajetória acadêmica de um pós-graduando com transtorno do espectro autista. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 4, p. 609-621, 19 dez. 2017.
- OLIVEIRA; SILVA. Autismo e a educação: Ciência ABA (Análise do Comportamento Aplicada) como proposta de intervenção na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 10, p. 569–584, 2021.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PORTOLESE, J.; BORDINI, D.; LOWENTHAL, R.; ZACHI, E. C.; DE PAULA, C. SILVESTRE. Mapeamento dos serviços que prestam atendimento a pessoas com transtorno do espectro autista no Brasil. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvol.**, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 79-91, dez. 2017.

SCHULENBERG et al. Early Adult Transitions and Their Relation to Well-Being and Substance Use. In: R. A. Settersten, Jr., F. F. Furstenberg, Jr., & R. G. Rumbaut. On the frontier of adulthood: Theory, research, and public policy. Chicago: **The University of Chicago Press**, 2005.

SMITH ET AL, 2007

ZANNI, K. P.; BIANCHIN, M. A.; MARQUES, L. H. N.. Qualidade de vida e desempenho ocupacional de pacientes submetidos à cirurgia de epilepsia. **Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology** 15, p. 114-117, 2009.

# ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL COM ADOLESCENTES EM CONTEXTO ONCOLÓGICO

**Júlia Silva de Santana**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Maria Fernanda Barros**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Rayssa Vitória da Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Thaís Sthefany Araujo**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Geovanna Gabryele dos Santos Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco**

Professora Efetiva do Departamento de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Pernambuco - (UFPE)

## INTRODUÇÃO

A adolescência é marcada por transformações físicas, emocionais e sociais, e o câncer acrescenta desafios significativos, como a interrupção de atividades essenciais para o desenvolvimento. A Terapia Ocupacional auxilia no enfrentamento dessas dificuldades, promovendo autonomia, qualidade de vida e suporte psicossocial, além de adaptar atividades diárias e incentivar a participação social.

Este estudo tem por objetivo apresentar a atuação do terapeuta ocupacional com adolescentes em contexto oncológico, a partir de uma revisão narrativa da literatura.

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, feita a partir da busca na base de dados dos Periódicos CAPES, na qual foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos de língua portuguesa, com delimitação temporal de 2014-2024, e que fossem artigos completos abordando o papel do terapeuta ocupacional no contexto oncológico voltado para adolescentes e, foram excluídos artigos incompletos, resumos, monografias, teses e dissertações.

A revisão identificou quatro estudos que destacam a relevância de terapeutas ocupacionais na assistência aos adolescentes com câncer. Os artigos abordaram intervenções focadas em estratégias para adaptação funcional, promoção da qualidade de vida, fortalecimento de papéis ocupacionais e suporte psicossocial. O estudo reforça a importância da atuação do terapeuta ocupacional no contexto oncológico, especialmente com adolescentes, ao abordar demandas físicas, emocionais e sociais impostas pela doença e pelo tratamento. As intervenções visam não apenas promover a funcionalidade e a independência, mas também ressignificar experiências e fortalecer vínculos familiares.

O período da adolescência é marcado por intensas transformações, descobertas e adaptações, tanto no aspecto físico quanto psicológico e social. Nesse contexto, os jovens passam por um processo de reconfiguração da sua condição corporal e identitária, vivenciando mudanças subjetivas e sociais de maneira única e individual. Além disso, durante esse período, ocorre uma desconstrução das referências da infância e uma construção de uma nova forma de enxergar o mundo, pautada por novos modos de pensar, agir e ser. As rápidas transformações nesse ciclo de vida têm um impacto direto na etapa de formação da identidade e na busca por um novo papel na sociedade. Nesse cenário, além das demandas associadas às mudanças físicas e emocionais, a convivência com uma doença crônica pode representar um desafio adicional para os adolescentes. Inegavelmente, isso ocorre porque o cotidiano do jovem, muitas vezes, encontra-se em desacordo com as expectativas e necessidades do processo natural de crescimento e

desenvolvimento, o que pode resultar em fragilidade emocional e, em alguns casos, no isolamento social (Lino et al, 2021).

Os tumores pediátricos são condições de ocorrência rara, representando de 1% a 3% do total de neoplasias em nível global, embora nos países desenvolvidos, o câncer é apontado como a segunda principal causa de morte infanto-juvenil, correspondendo a aproximadamente 4% a 5% dos óbitos nessa faixa etária. No Brasil, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) estimou a incidência de câncer pediátrico para o período de 2023 a 2025, projetando aproximadamente 7.930 novos casos anuais entre esse público e seguindo os tipos pediátricos mais comuns como leucemias, tumores no sistema nervoso central e linfomas (Garcia-Schinzari et al. , 2013; Souza et al., 2023).

Para os autores acima, os cuidados direcionados ao adolescente com câncer podem ser classificados em preventivos, curativos e paliativos. O cuidado preventivo envolve ações realizadas antes do nascimento, como o aconselhamento genético e, por outro lado, o cuidado curativo se refere ao diagnóstico, tratamento e controle da doença, com ênfase na cura. No entanto, quando a doença avança, pode-se atingir um estágio crítico onde a erradicação do câncer já não é viável, tornando-se o enfoque do tratamento os cuidados paliativos, que proporciona suporte físico e emocional ao paciente e à sua família, visando o conforto e a qualidade de vida.

Adolescentes diagnosticados com câncer enfrentam uma série de desafios que vão muito além das questões médicas; na maioria das vezes eles vivenciam transformações em suas rotinas. O impacto ocupacional nesse contexto é significativo, pois a doença e os tratamentos frequentemente interrompem atividades que são essenciais para o desenvolvimento social e emocional dessa fase da vida, como a escola, o lazer e a participação social. Em casos de hospitalização, pode surgir um sentimento de isolamento, no qual o adolescente se percebe afastado de suas atividades cotidianas e, muitas vezes, desconectado de sua própria identidade. Além disso, os efeitos colaterais do tratamento, como fadiga, dor e alterações na imagem corporal podem limitar ainda mais a capacidade de participar de atividades que antes eram prazerosas e significativas. Assim, é crucial permitir que esses jovens construam um cotidiano que reflita suas aspirações e desejos, mesmo em meio ao desafio do adoecimento (Garcia-Schinzari et al., 2013).

O profissional de Terapia Ocupacional, diante do contexto de adolescentes com doenças crônicas, principalmente o câncer, pode atuar de uma forma bastante ampla, tendo uma abordagem que envolva aspectos físicos, emocionais e sociais do paciente, e não apenas a doença em si. Baseando-se em princípios de humanização, o terapeuta ocupacional busca promover a

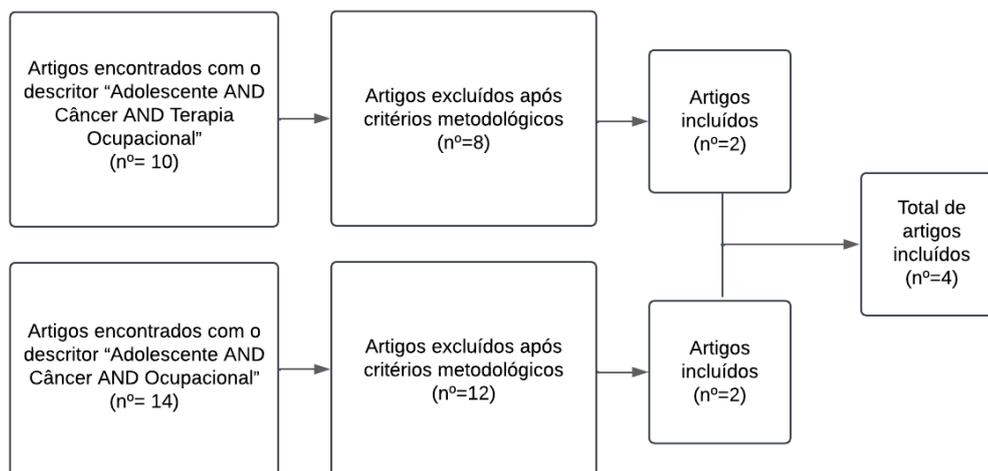
autonomia, a qualidade de vida e o bem-estar do adolescente, independentemente do estágio da doença. Seu trabalho vai além da adaptação das atividades diárias, incorporando práticas que favorecem a expressão emocional, a participação social e a reabilitação funcional, sempre em consonância com uma abordagem interdisciplinar e com foco no apoio psicossocial. Dessa forma, o terapeuta ocupacional contribui para o enfrentamento dessas barreiras com dignidade, mantendo uma vida significativa e com autonomia (Garcia-Schinzari et al., 2013; Lima et al., 2014).

Diante do exposto, o presente estudo tem por objetivo apresentar a atuação do terapeuta ocupacional com adolescentes em contexto oncológico a partir de uma revisão narrativa da literatura.

## METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão narrativa de literatura, feita a partir da busca na base de dados dos Periódicos CAPES, tendo como questão norteadora para a estruturação da revisão: “Qual a atuação de terapeutas ocupacionais no contexto oncológico com adolescentes?”. Dessa forma, foi utilizado o operador booleano “AND” para unir os Descritores em Ciência da Saúde (DeCs/MeSH): Adolescente AND Câncer AND Terapia Ocupacional e Adolescente AND Câncer AND Ocupacional. Foram definidos os seguintes critérios de inclusão: artigos de língua portuguesa, com delimitação temporal de 2014-2024, e que fossem artigos completos abordando o papel do terapeuta ocupacional no contexto oncológico voltado para adolescentes. Os critérios de exclusão foram: artigos incompletos, resumos, monografias, teses e dissertações. Por meio da aplicação dos critérios de busca foram selecionados 4 artigos para compor esta revisão, com o objetivo realizar uma revisão de produção científica sobre adolescentes em contexto oncológico, evidenciando a abordagem do terapeuta ocupacional no atendimento a esse público.

**Figura 1** - Fluxograma do processo de inclusão e exclusão de artigos para este estudo.



Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos selecionados para a presente pesquisa estão organizados na Tabela 1, sendo categorizados pelos seguintes critérios: Autores (em ordem alfabética)/ano de publicação, título, tipo de estudo, base de dados na qual foram localizados e objetivo geral de cada pesquisa.

**Tabela 1 - Dados dos artigos selecionados para a revisão.**

Autores/Ano	Título	Tipo de estudo	Base de dados	Objetivo geral
Garcia-Schinzari et al. (2014)	Caixas de histórias como estratégia auxiliar do enfrentamento da hospitalização de crianças e adolescentes com câncer.	Pesquisa aplicada, não experimental, transversal, descritiva, de caráter quali-quantitativo.	Periódicos CAPES	Identificar e analisar as contribuições da Caixa de Histórias no enfrentamento da hospitalização infanto-juvenil.
Silva et al. (2022)	Da magia à imaginação: o uso dos contos de fadas pelo Terapeuta Ocupacional.	Estudo de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência.	Periódicos CAPES	Compreender o uso dos contos de fadas como recurso terapêutico pelo terapeuta ocupacional, com crianças e adultos hospitalizados para tratamento oncológico.
Silva; Mont'Alverne de Barros (2019)	Experiências de familiares cuidadores de crianças e adolescentes com câncer.	Estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa.	Periódicos CAPES	Conhecer as experiências de familiares cuidadores de crianças e adolescentes com câncer.

Silva et al. (2019)	Desempenho ocupacional e qualidade de vida de adolescentes em diferentes momentos do tratamento oncológico.	Pesquisa transversal, de cunho quantitativo e de caráter descritivo, com coleta de dados prospectiva.	Periódicos CAPES	Estudar o desempenho ocupacional e qualidade de vida em adolescentes com câncer e verificar se existem diferenças nestas duas áreas em adolescentes ainda em tratamento oncológico e adolescentes na fase de follow up.
---------------------	---	---	------------------	---

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2024).

O câncer na fase da adolescência é um evento que atravessa significativamente o desenvolvimento físico, emocional e social, desafiando a identidade e a funcionalidade desses jovens. Alterações funcionais decorrentes da doença e do tratamento, como a perda de força muscular, dificuldades motoras, limitações cognitivas e o afastamento de contextos sociais e escolares, impactam diretamente o desempenho ocupacional. Essas mudanças comprometem a realização de atividades de vida diária, restringem a participação em papéis significativos e afetam a independência, reforçando a necessidade de intervenções que promovam a qualidade de vida e a reestruturação ocupacional desse indivíduo. Em razão disso, a Terapia Ocupacional desponta como uma profissão essencial nesse contexto, considerando as capacidades individuais e as demandas de cada fase do tratamento (Silva et al., 2019).

Nesse sentido, os autores acima afirmam que a atuação do terapeuta ocupacional é ampla e profundamente significativa, abordando tanto os desafios funcionais e ocupacionais quanto às repercussões psicossociais impostas pela doença e pelo tratamento, englobando a promoção da independência em atividades de vida diária, como alimentação, higiene e mobilidade, além de estratégias para o fortalecimento de papéis ocupacionais essenciais, como estudante, amigo e membro da família, que são cruciais para a construção da identidade e do senso de pertencimento, por meio de ações voltadas para minimizar barreiras, adaptar rotinas e fomentar o desenvolvimento de novas habilidades que ampliem o repertório ocupacional dos adolescentes. Ao promover práticas que favoreçam a expressão pessoal, o enfrentamento de adversidades e a descoberta de atividades significativas, o terapeuta ocupacional contribui para a reintegração social e a construção de um futuro mais pleno e significativo para esses jovens.

Ao deparar-se com adolescentes ou outros pacientes nas enfermarias, é importante considerar o desejo individual de participar das atividades propostas, pois as recusas são comuns devido à dor ou debilidade funcional. Nesse contexto, o terapeuta ocupacional desempenha um papel crucial, podendo utilizar os contos de fadas, que, transmitidos por tradição oral, permitem o acesso a conteúdos profundos nem sempre explorados por outras terapias. A simplicidade e a estrutura atemporal dessas narrativas ajudam a gerar sentimentos e dar sentido às experiências vividas, oferecendo uma válvula de escape emocional. Por meio das histórias e personagens, os indivíduos exploram diferentes formas de ser e agir, enriquecendo sua identidade e ampliando suas concepções sobre si mesmo e seus papéis sociais. O terapeuta ocupacional pode utilizar os contos de fadas e atividades expressivas, como a pintura e desenhos, possibilitando que os participantes expressem suas emoções e experiências de vida, incluindo o processo de doença (Silva et al., 2022).

O ambiente hospitalar e os procedimentos médicos frequentemente impõem desafios emocionais aos pacientes, afetando diretamente sua saúde mental e bem-estar. Nesse contexto, as intervenções terapêuticas precisam ir além do tratamento físico, visando também uma abordagem mais humanizada. É nesse cenário que a contação de histórias se destaca como uma ferramenta eficaz, proporcionando aos pacientes uma oportunidade de vivenciar o período de internação de forma mais leve e acolhedora. A prática não só favorece a expressão emocional, como também cria um espaço para a ressignificação da experiência da doença, promovendo um cuidado mais integral e alinhado às necessidades psicossociais dos pacientes (Garcia-Schinzari et al. et al., 2014).

Ademais, a contação de histórias também é um recurso bastante pertinente na intervenção do terapeuta ocupacional com adolescentes com câncer no ambiente hospitalar. Ela se difere dos contos de fadas, pois permite que o paciente contribua com a história ou crie uma nova narrativa, surgindo como uma alternativa para melhorar a qualidade de vida dos pacientes, permitindo a expressão de emoções e alívio de tensões decorrentes do contexto (Garcia-Schinzari et al., 2014).

Esses recursos terapêuticos oferecem aos adolescentes a oportunidade de ressignificar suas vivências e reescrever seus cotidianos, respeitando suas potencialidades e desejos, o que os torna participantes ativos e criativos no processo de recuperação. Inegavelmente, o terapeuta ocupacional contribui para a reconstrução de um cotidiano interrompido, criando experiências significativas e saudáveis dentro da relação terapeuta/paciente/atividade, com foco na humanização do atendimento. Ao proporcionar momentos de prazer e lazer dentro do hospital,

essas atividades ajudam a criar um ambiente mais acolhedor e seguro permitindo que enfrentem a doença e a internação com mais resiliência (Silva et al., 2022).

Por outro lado, é fundamental observar que o processo do tratamento oncológico provoca mudanças significativas na dinâmica parental desse adolescente, afetando tanto as relações familiares quanto às atividades cotidianas dos cuidadores. Diante do diagnóstico, os familiares frequentemente assumem um papel central no cuidado, mobilizando recursos físicos, emocionais e financeiros para atender às demandas dessa nova realidade. Esse envolvimento, embora essencial para o suporte ao adolescente, também pode acarretar uma sobrecarga significativa, resultando em efeitos adversos sobre a saúde física e mental do cuidador. Assim, investir no cuidado ao cuidador também é uma estratégia de intervenção para o adolescente, uma vez que o bem-estar impacta diretamente na qualidade do suporte oferecido, uma vez que favorece a integralidade no cuidado e contribui para a promoção da qualidade de vida desse público (Silva; Mont' Alverne de Barros, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo, foi possível compreender a importância da atenção integrada no atendimento aos adolescentes em tratamento oncológico, considerando as demandas físicas, emocionais e sociais desses pacientes e de suas famílias. Sendo assim, terapeutas ocupacionais despontam como profissionais indispensáveis nesse contexto, promovendo a funcionalidade, a independência e o fortalecimento de vínculos, além de contribuir para a ressignificação das experiências vividas. Estratégias que humanizem o cuidado e fomentem o bem-estar, tanto dos adolescentes quanto dos seus cuidadores, são essenciais para a construção de um cotidiano mais significativo, mesmo diante dos desafios impostos pela doença.

Além disso, este estudo fornece subsídios para reflexões e discussões acerca da prática terapêutica ocupacional nessa área, destacando a necessidade de desenvolver planos de intervenção baseados em evidências. Esses planos devem atender às necessidades específicas dos adolescentes ao longo do tratamento oncológico, reforçando uma assistência integral, humanizada e eficaz. Dessa forma, busca-se contribuir para a promoção da qualidade de vida e para o fortalecimento do protagonismo desses indivíduos durante todas as etapas do processo terapêutico.

## REFERÊNCIAS

- GARCIA-SCHINZARI, N. R. et al. Caixas de histórias como estratégia auxiliar do enfrentamento da hospitalização de crianças e adolescentes com câncer. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 569-577, 2014.
- GARCIA-SCHINZARI, N. R. et al. Cuidados Paliativos junto a Crianças e Adolescentes Hospitalizados com Câncer: o Papel da Terapia Ocupacional. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 59, n. 2, p. 239-247, 2013.
- LINO, et al. O adoecimento crônico e o tratamento pelo olhar do adolescente: considerações com base em uma história de vida. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, p. e2813, 2021.
- LIMA, M. J. V. et al. Humanizar É Dar Voz: a Experiência de um Grupo de Apoio ao Adolescente com Câncer, p. 243. In: **Anais do Congresso Internacional de Humanidades & Humanização em Saúde [= Blucher Medical Proceedings, vol.1, num.2]**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.
- SILVA, C. S. et al. Da magia à imaginação: o uso dos contos de fadas pelo Terapeuta Ocupacional. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, p. e19111628993, 2022.
- SILVA, I. C. B. DA; MONT' ALVERNE DE BARROS, M. M. Experiências de familiares cuidadores de crianças e adolescentes com câncer. **Revista chilena de terapia ocupacional**, v. 19, n. 1, p. 35-48, 2019.
- SILVA, M. O. L. et al. Desempenho ocupacional e qualidade de vida de adolescentes em diferentes momentos do tratamento oncológico. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 4, p. 3333-3367, 2019.
- SOUZA, L. P. DE et al. Análise da qualidade de vida em crianças e adolescentes sob tratamento oncológico. **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, v. 23, n. 4, p. 1-7, 2023.

## UM OLHAR TERAPÊUTICO OCUPACIONAL SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS ATÍPICAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

**Sintia Tayna Moura da Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Amanda Maria Moura da Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Shamyra Albino da Mota Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Geovanna Gabryele dos Santos Silva**

Acad. de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco**

Professora Efetiva do Departamento de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Pernambuco - (UFPE)

## INTRODUÇÃO

De acordo com o Ministério de Direitos Humanos e da Cidadania (2023), no Brasil, a população com deficiência, composta por pessoas de 2 anos ou mais, foi estimada em 18,6 milhões, representando 8,9% desse grupo etário. Conforme os dados da PNAD, indivíduos com deficiência enfrentam maiores dificuldades para se inserir no sistema educacional, o que reflete em um acesso mais restrito à renda durante a idade adulta. O levantamento também aponta uma taxa de analfabetismo de 19,5% entre pessoas com deficiência, comparada a 4,1% entre aquelas sem deficiência. Além disso, a maioria dos brasileiros com 25 anos ou mais e algum tipo de deficiência não concluiu a educação básica: 63,3% têm nenhum ou apenas o fundamental incompleto, enquanto 11,1% possuem o fundamental completo ou o médio incompleto. Esses índices mostram apenas dados de pessoas que possuem alguma deficiência física, sem levar em consideração as pessoas que possuem algum transtorno, e isso evidencia que os desafios para a inclusão de crianças atípicas ainda são relevantes nos dias atuais

No âmbito da educação, estabelece-se que é responsabilidade do Estado, em parceria com a família, garantir a toda a população um ensino de qualidade. Além disso, é dever do Estado proporcionar, dentro da rede regular de ensino, uma educação especializada e gratuita destinada a todos os alunos com necessidades especiais (BRASIL, 2006 apud Cavalcanti et al., 2015). Apesar do acesso à educação ser garantido, os alunos da educação inclusiva ainda enfrentam diversos desafios para alcançar seu desenvolvimento e aprendizado de forma equivalente aos demais. O desenvolvimento de habilidades essenciais para o desempenho escolar dos estudantes com necessidades educacionais específicas exige ajustes e adaptações nos currículos, nos ambientes escolares e nos materiais didáticos. No entanto, essas modificações frequentemente não estão disponíveis nas escolas (Baleotti; Zafani, 2017; Rocha et al., 2003 apud Alves; Silva 2022).

Ao referirmos a escola, compreende-se que a mesma vai para além da educação básica, sendo também responsável pela formação de opinião de sujeito, além de incluí-lo na sociedade. Rocha et al. (2022), relatam que o educador e filósofo Paulo Freire (1967), afirma que a escola é um ambiente onde ocorrem relações sociais e humanas, indo além de um espaço exclusivo para estudos. É também um local de encontro, diálogo, debate e confronto com o outro. Dentro desse contexto, os conflitos sociais, interesses divergentes, contradições e preconceitos presentes na sociedade se refletem nas interações entre educadores, pais e alunos. Além disso, a educação possui uma dimensão política, pois promove diferentes interpretações do mundo e estimula

intervenções sobre ele, sendo, assim, um espaço fundamental para a formação dos sujeitos (Freire, 1967 apud Rocha et al., 2022).

Neste cenário, observa-se que, para garantir uma inclusão efetiva desses indivíduos, é fundamental contar com o apoio de um Terapeuta Ocupacional, que ajudará no desempenho das atividades, permitindo que o indivíduo se sinta parte do ambiente. Com sua expertise e conhecimento sobre a ocupação humana e as diferentes limitações que impactam o engajamento nas atividades, o terapeuta ocupacional contribui com recursos que podem apoiar os professores na criação de metodologias e estratégias. Essas abordagens visam facilitar a participação e a permanência de alunos com necessidades específicas na escola regular (Cavalcanti et al., 2015 apud Alves; Silva, 2022).

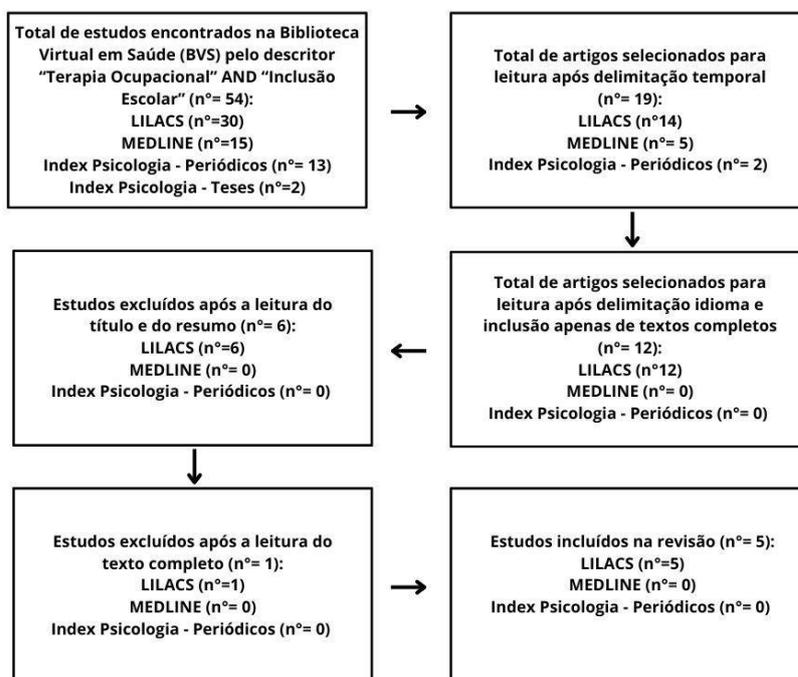
Entre as competências específicas estabelecidas pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO, resolução nº 500 de 2018) ao reconhecer a especialidade de Terapia Ocupacional no Contexto Escolar, destacam-se as intervenções voltadas ao desempenho ocupacional escolar. Essas ações incluem a recomendação de adaptações razoáveis, a atuação em salas de recursos multifuncionais, iniciativas de gestão e educação continuada, a promoção de estratégias para reduzir o bullying e o preconceito, entre outras. A Terapia Ocupacional Social tem ampliado as possibilidades de atuação no ambiente escolar, especialmente no campo da Educação Inclusiva, que integra, mas não se restringe à Educação Especial (Lopes; Silva, 2007; Pan; Lopes, 2020 apud Almeida 2022).

Diante disso, este estudo tem como finalidade apresentar os impactos vivenciados por crianças atípicas mediante ao processo de inclusão escolar, através de uma revisão bibliográfica que, ao ajudar a identificar e enfatizar essas repercussões, contribui para tornar esse processo mais leve e prazeroso para esse público, além de incrementar para o enriquecimento de pesquisas futuras que abordem essa temática.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde - BVS, em Outubro de 2024, com os descritores unidos através do operador booleano “AND”, sendo pesquisados na base de dados a combinação: “Terapia Ocupacional” AND “Inclusão Escolar”. Utilizou-se como critérios de inclusão apenas textos publicados nos últimos 10 anos e do idioma português. Foram excluídos artigos duplicados ou incompletos, que

tratavam da atuação em outros países e revisões de literatura. Após a efetivação da busca, obtiveram-se 12 artigos no total e depois da fase de leitura de título e resumo, 6 foram selecionados para leitura na íntegra, sendo ao fim, escolhidos 5 artigos indexados na LILACS (5), para compor esta revisão.



**Figura 1.** Fluxograma do processo de seleção dos artigos pesquisados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos de Terra e Rondina (2014), Alves et al. (2022), Rocha et al. (2022), e as contribuições de Piber e Tonús (2017) revelam as complexidades e os desafios da inclusão escolar de crianças com necessidades especiais, ao mesmo tempo que destacam a importância da atuação do terapeuta ocupacional para a promoção de um ambiente escolar mais acessível e inclusivo.

No estudo de Terra e Rondina (2014), a interação escolar de uma criança com Síndrome de Tourette é descrita a partir das percepções de pais e professores. A pesquisa revela que os tiques motores e vocais da criança, repetidamente associados a dificuldades de concentração e impulsividade, geram desafios no comportamento e no aprendizado, com impacto na integração social da criança no ambiente escolar. A literatura afirma que a falta de uma formação dos educadores sobre a síndrome e as suas particularidades contribui para o estigma, o que dificulta a inclusão da criança nesse ambiente. Nesse contexto, os autores sugerem que a ausência de

capacitação dos educadores em relação às especificidades da Síndrome de Tourette impede a adaptação pedagógica e promove o distanciamento social do aluno. A colaboração entre professores e terapeutas ocupacionais é essencial para adaptação do ambiente escolar e implementar práticas pedagógicas que atendam às necessidades do aluno.

Relacionando-se com o estudo de Terra e Rondina (2014), Alves et al. (2022) investigam as percepções de professores sobre o papel do terapeuta ocupacional nas escolas regulares do Rio de Janeiro. Os resultados indicam que os professores reconhecem a contribuição do terapeuta ocupacional na adaptação de materiais pedagógicos, na organização do espaço escolar e no apoio à implementação de atividades sensoriais, que favorecem a participação ativa dos alunos nas atividades. Entretanto, os autores observam que a escassez de recursos e a falta de permanência nas intervenções devido à ausência de políticas públicas que garantam a presença constante dos terapeutas ocupacionais nas escolas limitam a efetividade das práticas inclusivas.

Uma pesquisa qualitativa realizada em uma escola regular de São Paulo por Rocha et al. (2022), revela que crianças com deficiência, frequentemente, têm seus direitos educacionais violados, resultando em exclusão e segregação. Apesar dos obstáculos, como preconceitos e práticas inadequadas de promoção da inclusão, a inserção em um ambiente escolar regular trouxe benefícios significativos, ampliando as interações sociais e organizando o cotidiano das crianças. Os resultados indicam que essa inclusão pode abrir conquistas para as crianças e suas famílias, fortalecendo suas identidades sociais. Sob essa perspectiva, os achados da pesquisa expõem também a importância da comunicação entre a escola e a família. "Desse modo, a participação dos pais no processo de escolarização pode colaborar para fortalecer as crianças com deficiência no exercício de seu papel social e de cidadão ou contribuir para dificultá-lo" (Rocha et al, 2022).

Entretanto, o processo de inclusão escolar é permeado por desafios referentes à falta de preparo dos profissionais, à ausência de atividades individualizadas para as demandas dos alunos e à infraestrutura precária. Diante desses desafios, os estudos destacam a importância da Terapia Ocupacional na promoção da inclusão no ambiente escolar. A atuação do terapeuta ocupacional é fundamental para implementar intervenções que atendam às necessidades específicas dos alunos, desenvolvendo habilidades motoras e sociais. Alves e Silva (2022) destacam que a colaboração entre professores e terapeutas ocupacionais pode ser eficaz na promoção da inclusão escolar de alunos com necessidades educativas específicas, ajudando a aumentar o envolvimento desses estudantes nos processos de aprendizagem.

Portanto, os resultados desses estudos demonstram que, embora existam dificuldades no processo de inclusão escolar, a colaboração interdisciplinar entre terapeutas ocupacionais, professores e famílias é fundamental para garantir um ambiente mais inclusivo e adaptado às necessidades dos alunos. Para que a inclusão escolar seja realmente efetiva, é necessário um compromisso com a formação contínua dos profissionais e a implementação de políticas públicas que confirmem a presença constante dos terapeutas ocupacionais nas escolas, criando condições para um aprendizado mais equitativo para todos os alunos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados destacam os desafios e avanços no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educativas específicas. As pesquisas evidenciam que a falta de formação adequada dos educadores, recursos insuficientes e práticas pedagógicas inadequadas ainda são barreiras significativas para a inclusão independente. Além disso, a estigmatização de alunos com condições como a Síndrome de Tourette, prejudica sua interação social e acadêmica.

No entanto, a atuação do terapeuta ocupacional emerge como uma estratégia fundamental para superar esses desafios. A colaboração entre terapeutas e professores facilita a adaptação do ambiente escolar e das atividades pedagógicas, promovendo maior participação e desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais. Contudo, a continuidade dessa atuação depende de políticas públicas que garantam a presença constante dos terapeutas nas escolas e a formação contínua dos profissionais da educação.

Em síntese, para que a inclusão escolar seja eficaz, é necessário um esforço conjunto de escolas, terapeutas ocupacionais, famílias e políticas públicas que garantam a acessibilidade e a adequação do ensino para todos os alunos, independentemente de suas necessidades educativas específicas

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Diego Eugênio Roquette Godoy. Proposições curriculares para o ensino graduado de terapia ocupacional a partir do contato com escolas públicas. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 6, n. 2, p. 957-972, 2022.

ALVES, Mariangela Dias; SILVA, Márcia Cristina de Araújo. Contribuições do terapeuta ocupacional no contexto escolar: percepção de professores de uma escola regular no Município do Rio de Janeiro. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 6, n. 2, p. 892-908, 2022.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. **Brasil tem 18,6 milhões de pessoas com deficiência, indica pesquisa divulgada pelo IBGE e MDHC**. Ministério dos Direitos Humanos e cidadania, 2023.

PIBER, Viviane Dutra; TONÚS, Daniela. A pessoa com deficiência física e a inclusão escolar: uma visão comparada à dos seus pais/responsáveis. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional** (Rio de Janeiro), v. 1, n. 1, p. 8-27, 2017.

ROCHA, Eucenir Fredini; MACEDO, Fernanda Mariano de Moura; SOUZA, Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de. João e Maria vão à escola: narrativas dos pais e educadores sobre a inclusão de crianças com deficiência no ensino regular. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 32, n. 1-3, p. e204944, jan.-dez. 2021-2022.

SOARES, V. R. C. et al. Avaliação da acessibilidade em escolas municipais de Uberaba, MG. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 23, n. 1, p. 63-73, 2015.

TERRA, Ana Paula; RONDINA, Regina de Cassia. A interação escolar de uma criança com síndrome de Tourette, de acordo com as percepções de pais e professores: um estudo de caso exploratório. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 25, n. 2, p. 177-184, maio/ago. 2014